BOLETIM AGROPECUÁRIO

Julho/2016 - Nº 38









Governador do Estado

João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado

Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca

Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri

Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Reney Dorow





Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl Glaucia de Almeida Padrão João Rogério Alves Luis Augusto Araujo Rogério Goulart Junior Tabajara Marcondes



Florianópolis 2016



Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000 Site: <u>www.epagri.sc.gov.br</u> E-mail: <u>epagri@epagri.sc.gov.br</u>

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi 88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: http://cepa.epagri.sc.gov.br/ E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa João Rogério Alves – Epagri/Cepa Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8) Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2) Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4) Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1) Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa Marcia Mondardo – Epagri/Cepa Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5) Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9) Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.



Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não específicamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, http://cepa.epagri.sc.gov.br//. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann Presidente da Epagri



Sumário

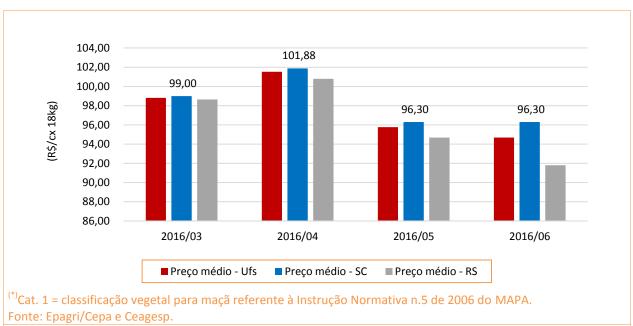
Fruticultura	
Maçã	
Grãos	
Arroz	
Feijão	12
Milho	
Trigo	18
Produtos vegetais	
Fumo	21
Pecuária	23
Avicultura	23
Bovinocultura de corte	28
Suinocultura	32
Leite	



Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior Economista, Dr. - Epagri/Cepa rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



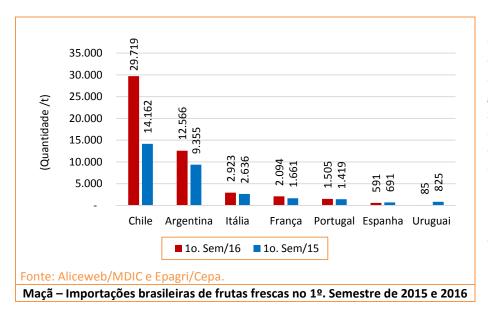
Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Em junho, a cotação do preço da fruta catarinense está 6,8% maior que a cotação de janeiro, com negociação de frutas de melhor qualidade nos últimos dois meses. Porém, o mercado está desaquecido devido ao inverno rigoroso que, historicamente, diminuem a demanda da fruta. Além disso, o grande volume de maçãs cat. 3 presente no mercado pode diminuir a média dos preços da fruta nos próximos meses. O preço na Ceagesp, entre abril e junho, já apresentou tendência de diminuição em 5,5% para a maçã catarinense e 8,9% para a maçã gaúcha.

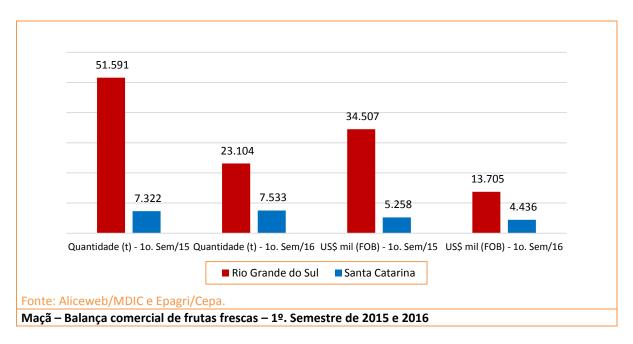
Na Ceagesp o volume negociado de maçã catarinense, entre janeiro e junho, representou 61% do total, com mais de 26 mil toneladas só no entreposto paulistano. Em abril de 2016 o volume oriundo de Santa Catarina foi de 63% do total e em maio foi de 69% do total mensal comercializado na Ceagesp.

Assim, a diminuição sazonal da demanda de maçã, os preços elevados, com relação a 2015 e a previsão de temperaturas baixas cria expectativa de recuperação no próximo semestre com a entrada de frutas de AC com melhor qualidade e aumento da demanda com o final do inverno. Mas há possibilidade de forte concorrência das maçãs chilenas e europeias que tendem a manter a oferta de frutas no mercado brasileiro.



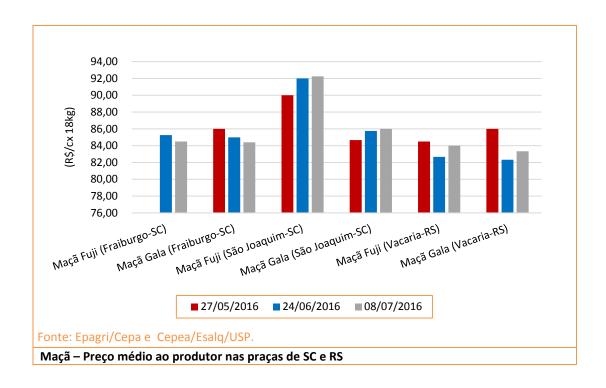


O aumento nas importações de maçãs chilena e europeia atende a demanda grandes atacadistas e supermercadistas que aproveitaram grande oferta de maçãs. O Chile foi a principal origem das frutas importadas, apresentando preço médio menor negociado (US\$ 154,88 a caixa de 19kg) possibilitou o suprimento do mercado atacadista com a baixa oferta da brasileira no mercado.



As exportações recuam no primeiro semestre com relação ao mesmo período de 2015. O câmbio favorável não impulsionou às exportações, pois, as grandes empresas produtoras estão com dificuldades de escoar os estoques de frutas frescas fora dos padrões internacionais, tendendo a aumentar a exportação de sucos.





Em Fraiburgo o preço recebido pelo produtor da Gala (cat. 1) desvalorizou com frutas de pouco calibre que estão sendo negociadas. Em período de dormência, iniciam-se os tratos culturais nos pomares.

Em São Joaquim, o preço de ambas as variedades segue valorizado devido a diminuição da oferta dessa categoria. Boas expectativas de horas de frio para a próxima safra.

Em Vacaria/RS há recuperação nos preços da Maçã Gala e Fuji, mas os baixos calibres mantém as cotações abaixo das outras regiões produtoras.

Maçã – Comparativ	vo das safr	as 2014/15 e 2	2015/16 – Sa	anta Catari	na					
Principais MRG	Sa	fra anterior (II	BGE)		Inicial (IBGE)	Atual ⁽¹⁾ (Epagri/Cepa)			
com cultivo de maçã	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	
Joaçaba	3.698	140.192	37.910	3.532	85.590	24.233	3.284	119.163	36.288	
Canoinhas	175	4.665	26.657	143	2.900	20.280	162	4.768	29.389	
Curitibanos	1.088	41.656	38.287	1.071	29.622	27.658	1.007	38.698	38.411	
Campos de Lages	12.634	427.175	33.812	12.159	383.716	31.558	11.939	389.584	32.631	
Outras	9	140	15.556	11	85	7.727	7	46	6.272	
Total	17.604	613.828	34.869	16.916	501.913	29.671	16.407	552.445	33.671	

⁽¹⁾ Na estimativa são consideradas as perdas do segundo semestre de 2015. Fonte: CGEA/LSPA/IBGE de junho de 2016 e Epagri-Cepa⁽¹⁾.



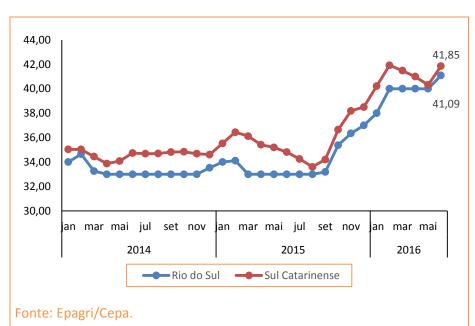
Grãos

Arroz

Glaucia de Almeida Padrão Economista, Dra. – Epagri/Cepa glauciapadrao@epagri.sc.qov.br



Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal – Rio Grande do Sul e Santa Catarina (jan./2014 a jun./2016) – R\$/sc 50kg



Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal – Santa Catarina (jan./2014 a jun./2016) – R\$/sc 50kg

Os preços médios ao produtor no Rio Grande do Sul e Santa Catarina sofreram leve alta no mês de junho de 2016. No RS a confirmação de uma quebra de safra na ordem de 16% serviu como impulso para os precos, que devem continuar em alta nos próximos meses. Em Santa Catarina, os preços que já vinham perdendo força desde janeiro, visto que a quebra de safra confirmada para 0 estado foi de aproximadamente 5%, aumentou 3,26% em relação a maio, explicado pelo reflexo dos preços no RS.

Analisando os preços por praça em SC, nota-se que no Sul Catarinense foi observada a maior alta em relação ao mês anterior. Embora esses precos continuem atrativos e tenham sido fortemente influenciados pela frustração de safra ocorrida no Rio Grande do Sul, além de o produtor estar segurando produto na busca melhores preços, a finalização da colheita e aumento da disponibilidade de produto no mercado, exercem pressão de baixa sobre os preços e não se espera que estes se mantenham em alta por muito tempo. Embora,

algumas negociações pontuais possam ter atingido patamares elevados, estas não refletem o comportamento médio do mercado.



Arroz Irrigado – A	Acompanhan	nento da safra	2015/16 – S	Santa Catari	na				
		Safra 2014/15		_	timativa inicia afra 2015/16	Variação (%)			
Microrregião	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	148.129	1.087.232	7.340	146.692	1.026.554	6.998	-0,97	-5,58	-4,66
Araranguá	51.660	359.292	6.955	51.404	362.979	7.061	-0,50	1,03	1,53
Tubarão	21.268	153.816	7.232	20.911	149.118	7.131	-1,68	-3,05	-1,40
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.773	145.947	7.026	-0,46	-2,53	-2,08
Joinville	19.811	157.487	7.949	19.655	126.509	6.436	-0,79	-19,67	-19,03
Rio do Sul	10.798	88.967	8.239	10.684	77.324	7.237	-1,06	-13,09	-12,16
Itajaí	9.283	71.384	7.690	9.088	59.997	6.602	-2,10	-15,95	-14,15
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.208	65.441	7.973	-0,33	-0,24	0,09
Florianópolis	3.110	17.336	5.574	2.895	16.336	5.643	-6,91	-5,77	1,23
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	259	2.072	8.000	259	1.554	6.000	0,00	-25,00	-25,00
Tabuleiro	146	1.238	8.479	125	1.050	8.400	-14,38	-15,19	-0,94

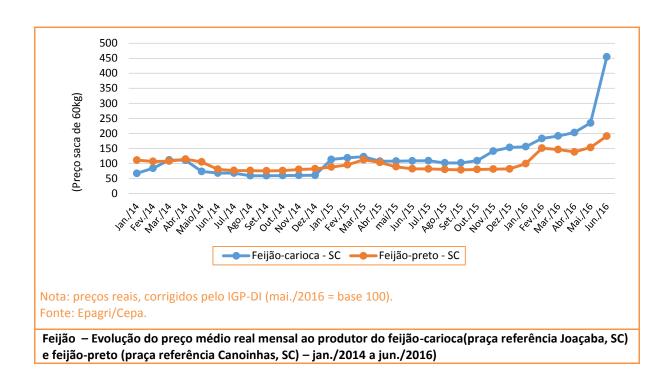
Fonte: Epagri/Cepa.

A safra de arroz irrigado em Santa Catarina encontra-se finalizada e os resultados apontam para uma quebra de 5,5% da produção, apesar de inicialmente o cenário indicar uma safra com quebras previstas maiores. As principais causas da quebra nas regiões foram os problemas climáticos desencadeados pelo fenômeno El Niño que causou excesso de chuvas, principalmente na região do Alto Vale e Norte Catarinense, baixa luminosidade, ocorrência de pragas e doenças, entre outros. As microrregiões em que tais efeitos foram mais significativos são Ituporanga, Joinville, Tabuleiro e Itajaí, em que as perdas ultrapassaram 15% da produção. Entretanto, em Araranguá, responsável por 37% da produção, houve crescimento da produção em relação ao ano passado. Isso ocorreu porque apesar de inicialmente o quadro climático ser desfavorável, em janeiro houve uma mudança na precipitação e insolação, o que permitiu a recuperação das lavouras e até aumento da produtividade.



Feijão

João Rogério Alves Engenheiro-agrônomo, MSc. – Epagri/Cepa <u>joaoalves@epagri.sc.gov.br</u>



Apesar do mercado de feijão apresentar indicativo de queda na cotação do produto, a analise da variação mensal dos preços do feijão-carioca e feijão-preto foram realizadas a partir de suas praças de referência em Santa Catarina, isso é feito porque elas refletem melhor a variação dinâmica dos preços do grão nesse momento de forte aquecimento dos mercados atacadistas e varejistas. O mercado apresentou comportamento firme para os preços do feijão-preto e do feijão-carioca pago ao produtor catarinense. Em maio a saca de 60kg do feijão-carioca foi cotada a R\$ 235,00, em junho essa mesma saca foi cotada a R\$ 454,59, alta de 93,44% no mês. Já o feijão-preto também acompanhou essa alta, no mesmo período a saca de 60kg passou de R\$ 153,46 para R\$ 191,14, alta de 24,55%. No mercado atacadista os preços começam a recuar, na Bolsa de Cerais de São Paulo (BCSP), no dia 30/06 a saca de 60kg do feijão-carioca extra (nota 9,0) foi cotado a R\$ 580,00, agora, no dia 13/07 estava em R\$ 450,00 (firme), queda de R\$ 130,00 em 13 dias. No mesmo período, o feijão-preto especial permaneceu com preço estável, com a saca de 60kg cotada a R\$ 270,00. Apesar da safra do planalto central, em sua maioria cultivada com irrigação, ter iniciado a colheita, o desabastecimento da leguminosa do mercado varejista ainda persiste, pois a quebra da segunda safra foi muito grande. A substituição do feijão-carioca pelo feijão-preto por parte do consumidor, aliado a redução no consumo fizeram os preços recuar. Mais uma vez o comportamento do consumidor brasileiro é que vai regular a maior ou menor variação dos preços do feijão nos próximos meses.



Feijão Carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores (R\$/saca 60kg)

Estado	Preço (R\$) Maio/16	Preço (R\$) jun./16	Variação Mensal (%)		
Santa Catarina ⁽¹⁾	235,00	454,59	93,44		
Paraná	230,84	384,61	66,61		
Mato Grosso do Sul	220,00	355,00	61,36		
Espírito Santo	257,50	393,00	52,62		
Bahia	271,25	490,00	80,65		
Goiás	276,48	485,17	75,48		

⁽¹⁾ praça de referência Joaçaba.

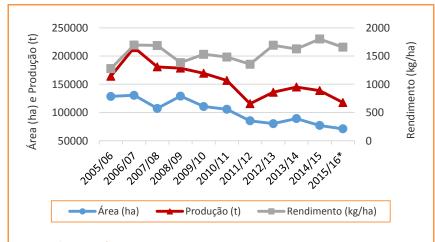
Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

No último mês o preço do feijãocarioca disparou em todo país. Nos principais estados produtores a alta foi significativa. Em Santa Catarina entre maio e junho a alta chegou a 93,4%, no Paraná a 66,6% e em Goiás a 75,5%. Para o mês de julho a expectativa é de que os preços caiam.

Feijão Preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores (R\$/saca 60kg)

Estado	Preço (R\$) maio/16	Preço (R\$) jun./16	Variação Mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	153,46	191,14	24,55
Espírito Santo	187,50	241,17	28,62
Goiás	193,75	246,25	27,10
Paraná	151,41	188,76	24,67
Rio de Janeiro	183,75	249,38	35,72
Rio Grande do Sul	152,01	158,76	4,44

(1) praça de referência Canoinhas. Fonte: Epagri/Cepa, Conab. Para o feijão-preto a alta nos preços foi mais modesta. Em Santa Catarina, a saca de 60kg passou de R\$ 153,46 em maio para R\$ 191,14 em junho, alta de 24,5%. O estado do Rio de Janeiro apresentou uma das maiores variações mensais, alta de 35,7%, a saca de 60kg do feijão-preto passou de R\$ 183,75 para R\$ 249,38.



Nota: safra 2005/2006 = base 100.

⁽¹⁾ estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão — Evolução da área cultivada, quantidade produzida e produtividade do feijão total em Santa Catarina - Safra 2005/06 a $2015/16^{(1)}$

Santa Catarina nos últimos 10 anos perdeu cerca de 80% de sua área de feijão. Em 2005 a área plantada era de 128.510ha, em 2015 esse número foi estimado em 71.095ha. Já o rendimento médio passou de 1.278kg/ha para 1.657kg/ha, aumento entorno de 30%. Esse aumento em produção rendimento pode ser atribuído ao aprimoramento genético, com a selecão de variedades mais produtivas e a intensificação do uso de insumos.



Feijão 2ª safra – C	omparativo	de safra 201	.4/15 e estin	nativa da 20	15/16						
	Sa	ıfra 2014/20	15	Estimat	Estimativa Safra 2015/2016				Variação (%)		
Microrregião	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio		
Araranguá	1007,00	955,50	948,86	771,00	794,10	1029,96	-23,44	-16,89	8,55		
Blumenau	67,00	65,00	970,15	65,00	67,00	970,15	-2,99	3,08	0,00		
Canoinhas	2090,00	4074,00	1949,28	4250,00	7581,00	1783,76	103,35	86,08	-8,49		
Chapecó	3431,00	5422,40	1580,41	3061,00	4951,50	1617,61	-10,78	-8,68	2,35		
Concórdia	84,00	101,00	1202,38	34,00	41,00	1205,88	-59,52	-59,41	0,29		
Criciúma	2841,00	2978,00	1048,22	3048,00	3741,60	1227,56	7,29	25,64	17,11		
Itajaí	5,00	9,00	1800,00	5,00	9,00	1800,00	0,00	0,00	0,00		
Ituporanga	1525,00	2501,00	1640,00	1405,00	2993,00	2130,25	-7,87	19,67	29,89		
Rio do Sul	1441,00	2315,00	1606,52	769,00	1412,00	1836,15	-46,63	-39,01	14,29		
São Bento do Sul	10,00	15,00	1500,00	80,00	96,00	1200,00	700,00	540,00	-20,00		
São M. do Oeste	1810,00	2835,00	1566,30	1230,00	2034,00	1653,66	-32,04	-28,25	5,58		
Tabuleiro	50,00	50,00	1000,00	50,00	50,00	1000,00	0,00	0,00	0,00		
Tijucas	254,00	350,00	1377,95	254,00	350,00	1377,95	0,00	0,00	0,00		
Tubarão	2266,00	2584,00	1140,34	1591,00	1858,20	1167,94	-29,79	-28,09	2,42		
Xanxerê	9120,00	18936,00	2076,32	8070,00	15165,00	1879,18	-11,51	-19,91	-9,49		
Santa Catarina	25625,00	42716,90	1667,00	24154,00	38390,00	1589,38	-5,74	-10,13	-4,66		

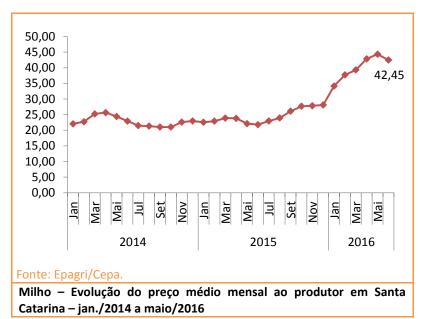
Fonte: Epagri/Cepa (maio/2016), IBGE/LSPA - SC (mar./2016).

Com 100% da área de feijão 2ª safra 2015/16 colhido, os números finais da segunda safra revelam uma redução na produção na ordem de 10%. Para o IBGE essa redução foi um pouco menor, em torno de 4%. Em relação ao rendimento das lavouras, tanto a Epagri/Cepa como o IBGE chegaram ao mesmo número, redução de quase 5,0%. Esse números já eram esperados, com uma segunda safra complicada em ternos de condições climáticas. O que deu alento aos produtores foram os bons preços praticados, sobretudo para aqueles que conseguiram colher produção com qualidade. Previsões para a primeira safra 2015/2016 ainda são muito prematuras, com início do plantio a partir de setembro, devendo se estender até dezembro de 2016. Com previsões de geadas intensas neste inverno, o plantio deve efetivamente se intensificar a partir de outubro. Caso os preços estejam em alta por ocasião do início dos plantios, é possível que tenhamos ampliação na área plantada, no entanto, ainda é cedo para fazer estimativas mais realistas.



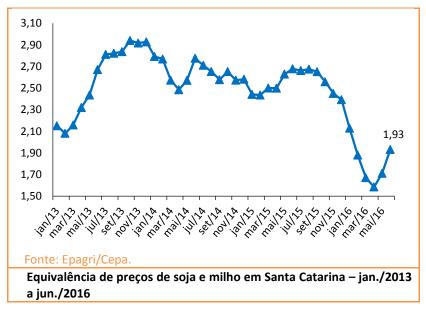
Milho

Glaucia de Almeida Padrão Economista, Dra. – Epagri/Cepa glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Em junho de 2016 os preços do milho começaram a apresentar tendência redução, reversão comportamento que vinha sendo observado desde outubro de 2015. A redução na produção na safra 2015/16, aliada à alta do dólar, que aqueceu o mercado externo no primeiro semestre de 2016, foram as principais causas do aumento dos preços no estado. **Embora** segundo semestre não sejam esperadas exportações tão aquecidas quanto às observadas no primeiro semestre deste ano, a expectativa de que haja quebra significativa também na segunda safra do grão, tende a

manter os preços elevados no segundo semestre do ano, apesar dessa leve redução observada em junho. Além do mercado de grãos, outro fator tem sido impulsionador dos preços no estado de Santa Catarina. A área de milho silagem, que hoje equivale a cerca de 213 mil ha, tem crescido nos últimos anos, principalmente para suprir a produção de leite no Estado, o que diminui a oferta de grãos e exerce pressão sobre os preços.



Nos últimos anos, a valorização do preço da saca de soja e redução do preço da saca de milho resultou em conversão de áreas de milho em soja no estado. Desde 2012/13 a área de soja ultrapassou a área de milho, o confirmou se nos seguintes. Essa disputa de área entre as duas culturas pode ser analisada pela relação de troca entre os dois grãos. De 2013 até janeiro de 2016, considerando os custos de produção e o retorno obtido com as duas culturas, observa-se que esta relação se manteve favorável ao sojicultor. No entanto, com os preços do milho em alta, essa relação de troca se

tornou favorável ao produtor de milho em 2016. Embora o mercado de milho seja atrativo no momento, a soja continua sendo um grande concorrente por área no Estado e a conversão de áreas de milho em soja deve continuar ocorrendo na próxima safra, no entanto, a taxas menores. Ademais, a alta no preço do



milho se reflete na produção de suínos e aves, que tendo o milho como principal insumo e conjuntura de redução do preço da carne, principalmente suíno, tem encontrado dificuldade de manutenção de parte dos produtores na atividade. No mês de junho de 2016 o preço da soja continuou em alta, enquanto o preço do milho sofreu uma queda, o que resultou em uma relação de troca que, apesar de ainda ser favorável ao produtor de milho, começa a dar sinais de mudança e deve se tornar favorável ao sojicultor em poucos meses.

Milho 1ª safra – Acc	mpanham	ento da safr	a 2015/16	– Santa Ca	atarina					
	!	Safra 2014/15 (1ª safra)	į	_	stimativa atua 2015/16 (1ª s		١	Variação (%)		
Microrregião	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio	
Santa Catarina	404.577	3.142.248	7.767	354.663	2.582.146	7.281	-12,34	-17,82	-6,26	
Joaçaba	62.877	531.140	8.447	55.552	443.751	7.988	-11,65	-16,45	-5,44	
Chapecó	62.565	488.926	7.815	54.950	410.220	7.465	-12,17	-16,10	-4,47	
Canoinhas	39.000	367.295	9.418	30.500	266.270	8.730	-21,79	-27,51	-7,30	
São Miguel do Oeste	46.900	333.070	7.102	40.150	253.260	6.308	-14,39	-23,96	-11,18	
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.500	233.622	6.581	0,00	0,00	0,00	
Concórdia	33.750	232.006	6.874	30.440	208.486	6.849	-9,81	-10,14	-0,37	
Curitibanos	27.258	270.358	9.918	22.446	205.618	9.161	-17,65	-23,95	-7,64	
Xanxerê	31.150	286.662	9.203	22.980	204.732	8.909	-26,23	-28,58	-3,19	
Rio do Sul	22.870	141.461	6.185	19.450	111.432	5.729	-14,95	-21,23	-7,38	
Ituporanga	11.390	79.488	6.979	10.080	61.600	6.111	-11,50	-22,50	-12,43	
São Bento do Sul	6.000	51.090	8.515	5.500	44.750	8.136	-8,33	-12,41	-4,45	
Criciúma	6.417	37.920	5.909	6.830	41.279	6.044	6,44	8,86	2,28	
Araranguá	6.079	33.365	5.488	7.123	37.682	5.290	17,17	12,94	-3,61	
Tubarão	4.540	24.650	5.430	5.385	31.521	5.853	18,61	27,87	7,81	
Outros	8.281	31.196	3.767	7.777	27.924	3.591	-6,09	-10,49	-4,69	
Fonte: Epagri/Cepa.										

Milho 2ª safra – Acc	Milho 2ª safra – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina										
Microrregião	Safra 2014/15 (2ª safra)				timativa inio 2015/16 (2ª		Variação (%)				
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio		
Santa Catarina	1.2472	65.998	5.292	17.165	95.797	5.581	37,63	45,15	5,47		
Chapecó	3.100	16.465	5.311	7.740	44.219	5.713	149,68	168,56	7,56		
São Miguel do Oeste	6.200	32.010	5.163	5.490	29.532	5.379	-11,45	-7,74	4,19		
Tubarão	842	4.578	5.437	1.061	6.271	5.910	26,01	36,98	8,70		
Criciúma	704	3.873	5.501	999	5.838	5.844	41,90	50,74	6,22		
Araranguá	801	4.122	5.146	1.025	5.317	5.188	27,97	29,00	0,81		
Xanxerê	825	4.950	6.000	450	2.700	6.000	-45,45	-45,45	0,00		
Concórdia	-	-	-	400	1.920	4.800	-	-	-		
Fonto: Enagri/Cona											

Em Santa Catarina a produção de milho sofreu com os problemas climáticos desencadeados pelo El Niño. Em 2015/16 a área foi 10,9% menor e a produção 16,5% menor em relação à 2014/15. Parte dessa redução se deve à tendência dos últimos anos de substituição das áreas de milho por soja. No entanto, o excesso de

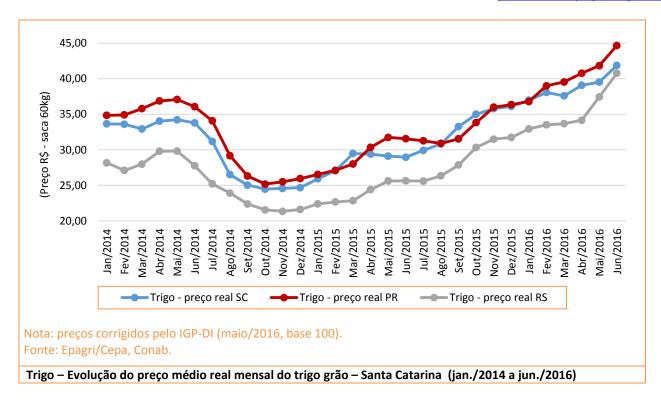


chuva, seguido de seca em algumas regiões do estado levou à perda de área e redução na produtividade esperada, culminando em quebra de safra. As microrregiões onde as quebras na produção foram mais expressivas foram Xanxerê, Canoinhas, Curitibanos, São Miguel do Oeste, Ituporanga e Rio do Sul, cujas reduções ultrapassaram 22% em relação à 2014/15. Por outro lado, as microrregiões do sul do estado, Tubarão, Araranguá e Criciúma, apresentaram ganho de produção em relação ao último ano safra. Isto porque, em janeiro de 2016, o clima melhorou nesta região e permitiu que boa parte das lavouras se recuperasse, fechando a produtividade acima do que foi inicialmente projetado.



Trigo

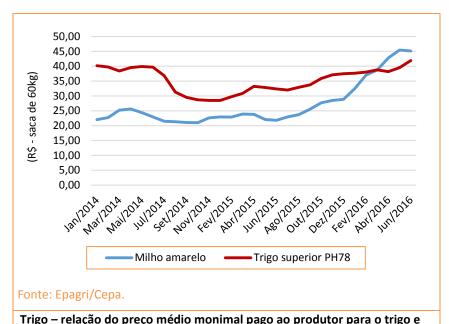
João Rogério Alves Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa joaoalves@epagri.sc.gov.br



No mês de junho os preços médios pagos ao produtor para o trigo em Santa Catarina para a safra 2015/16 subiram 6,0%. Nossos levantamentos apontam que o trigo passou de R\$ 39,52 para R\$ 41,88/saca de 60kg. Na comparação com o Preço Mínimo de Garantia do Governo Federal (R\$ 34,98) a diferença está em 19,72%. No Paraná, segundo a Conab, a mesma saca de 60kg passou de R\$ 41,84 para R\$ 44,67, alta de 6,8%, e no Rio Grande do Sul, a Conab registrou alta de 8,9%, a saca de 60kg de trigo passou de R\$ 37,45 no mês de maio para R\$ 40,77 no mês de junho. O desabastecimento de milho no mercado interno ainda repercute sobre os pregos pagos ao trigo, mas com menos intensidade do que o observado no último mês. Como substituto do milho na composição de rações para aves e suínos, produtores e empresas integradoras lançam mão dessa alternativa para não prejudicarem o fornecimento de alimento aos animais alojados. A tendência daqui para frente é de queda nos preços do trigo, os fatores que certamente irão contribuir para isso são a crescente queda nos preços do milho, o alto volume de trigo nos estoques mundiais que estão disponíveis para compra e a colheita nos Estados Unidos, que vem apresentando desempenho recorde para esta safra.

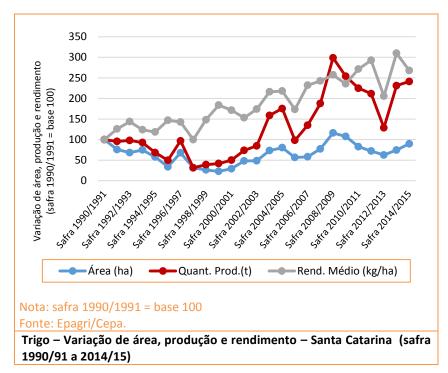
Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2015/16 – R\$/saca de 60kg								
Estado	maio/16	junho/16	no/16 variação (%)					
Santa Catarina	39,52	41,88	5,97					
Paraná	41,84	44,67	6,76					
Rio Grande do Sul	37,45	40,77	8,87					
Fonte: Epagri/Cepa, Conab.								





milho - Santa Catarina (jan./2014 a jun./2016)

Em junho a relação de preço nominal entre o trigo e o milho foi de 7,7% em favor do milho, mesmo com os preços pagos ao trigo grão disponível no mercado se mantendo estáveis. No gráfico podemos visualizar que no estado, desde março deste ano o preço da saca de 60kg de milho grão vem sendo superior a de trigo grão. Nos últimos dias o mercado do milho tem apresentado comportamento calmo.



Nos últimos 24 anos a área plantada de trigo em Santa Catarina foi reduzida na ordem de 11,10%. De 2014. tivemos incremento na produção de mais de 140%, e na produtividade de cerca de 168%. Esse incremento se deve sobretudo ao uso de variedades mais produtivas, da intensificação no uso de insumos e da melhoria no sistema de produção da cultura. Cabe ressaltar que o trigo cumpre papel importante na rotação de culturas: permite uma cobertura de solo no inverno, com fornecimento de palha para o plantio direto de lavouras de verão: faz aproveitamento de adubação residual de culturas de verão e interrompe o ciclo de pragas de

doenças que atacam as leguminosas de verão (soja e feijão), entre outros benefícios.



	S	afra 2015/10	5	Estima	Variação (%)				
Microrregião	Área plant. (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	30,00	54,00	1800,00	30,00	30,00	1000,00	0	-44	-44
Campos de Lages	1600,00	4520,00	2825,00	1600,00	4520,00	2825,00	0	0	0
Canoinhas	17380,00	26874,00	1546,26	13300,00	42832,00	3220,45	-23	59	108
Chapecó	18050,00	37749,00	2091,36	18050,00	37749,00	2091,36	0	0	0
Concórdia	768,40	2030,60	2642,63	793,40	2084,60	2627,43	3	3	-1
Curitibanos	10783,00	22473,30	2084,14	10648,00	40942,80	3845,12	-1	82	84
Ituporanga	550,00	672,00	1221,82	275,00	738,50	2685,45	-50	10	120
Joaçaba	6415,00	12921,00	2014,19	4740,00	17424,00	3675,95	-26	35	83
Rio do Sul	110,00	126,00	1145,45	50,00	121,00	2420,00	-55	-4	111
São Bento do Sul	220,00	396,00	1800,00	220,00	684,00	3109,09	0	73	73
São Miguel do Oeste	4207,00	6594,50	1567,51	3670,00	10203,50	2780,25	-13	55	77
Tabuleiro	40,00	6,00	150,00	48,00	96,00	2000,00	20	1500	1233
Xanxerê	15645,00	41666,00	2663,22	15065,00	38756,00	2572,59	-4	-7	-3
Santa Catarina	75798,40	156082,40	2059,18	68489,40	196181,40	2864,41	-10	26	39

Fonte: Epagri/Cepa (estimativa inicial - maio/2016).

O plantio de trigo segue firme em todo estado, a microrregião de São Miguel do Oeste já conta com mais de 90% da área plantada; Canoinhas com 80%; Curitibanos apenas 10%; Xanxerê com 46% e Chapecó com 55%. No estado contabilizamos que se encontra em fase de plantio cerca de 52% da área estimada inicialmente para o plantio na safra 2016/2017. Até o momento a expectativa de redução da área plantada no estado está em 10%, mas informações recebidas de algumas regiões do estado indicam que essa redução será maior. Isto se deve em função da redução do preço pago ao produtor regionalmente, mas que ainda não interferiu na média estadual do mês de junho e indicativo de possibilidade de ocorrência de geadas tardias, o que seria prejudicial à cultura. No campo as lavouras plantadas vêm apresentando bom desenvolvimento vegetativo, sem a ocorrência de problemas de ordem fitossanitária.



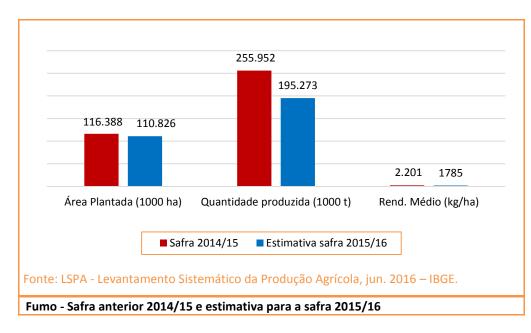
Produtos vegetais

Fumo

Luis Augusto Araujo Eng. Agrônomo, M.Sc - Epagri/Cepa laraujo@epagri.sc.qov.br

A safra 2015/16, na região Sul do Brasil, passou inicialmente por uma adequação entre a oferta e a demanda internacional do tabaco e, na sequência, sofreu com o excesso de chuvas e a ocorrência de granizo. A safra atual no Sul do Brasil deve reduzir 21%, em relação à safra de 2014/15, atingindo aproximadamente 670.529 toneladas, conforme estimativa do IBGE, de junho de 2016.

A redução do plantio e da produção ocorreu por orientação das próprias entidades representativas dos produtores.



Em Santa Catarina, a redução da área plantada ocorreu numa intensidade de 3,8 %, em relação à safra 2014/15. A expectativa rendimento atual de 1.785 kg/ha, uma representa queda de 16,6% em relação à 2014/15. O excesso de chuvas registradas nos meses de setembro e outubro e a

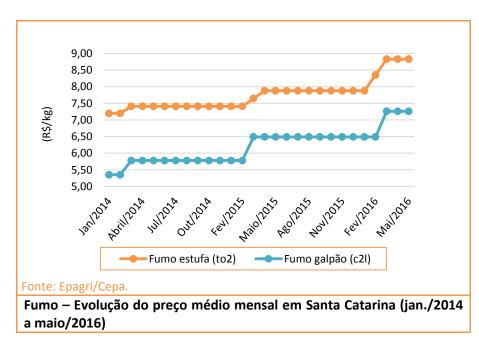
ocorrência de granizo em áreas produtoras, explicam parte significativa da redução do rendimento do fumo.

Em decorrência desses fatos, a produção esperada para a safra de fumo corrente apresentou uma queda de 24,3% em relação à safra anterior. Essa redução percentual da produção tem a contribuição das principais regiões produtoras de fumo em Santa Catarina, as regiões de Canoinhas, de Rio do Sul e de Ituporanga, que juntas apresentaram redução média de 26,4% e contribuíram com 62 % da produção total catarinense.

Nas regiões de Canoinhas, de Rio do Sul e de Ituporanga, segundo ultimas estimativas espera-se a produção de 122.508 toneladas, do total de 195.273 toneladas de fumo para Santa Catarina. A queda observada na safra catarinense atual quando comparada à safra anterior, de 2014/15, portanto, decorreu da contribuição das principais microrregiões produtoras de fumo.



Fumo – Área plantada, quantidade produzida e rendimento médio – Safra 2015/16								
		Safra 2015/16						
Microrregião	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)					
Santa Catarina	109.389	195.273	1.785					
São Miguel do Oeste	5.594	9.301	1.663					
Chapecó	5.555	9.388	1.690					
Xanxerê	942	1.688	1.792					
Joaçaba	871	1.359	1.560					
Concórdia	152	258	1.697					
Canoinhas	35.810	68.048	1.900					
São Bento do Sul	750	1.240	1.653					
Curitibanos	543	1.050	1.934					
Campos de Lages	861	1.724	2.002					
Rio do Sul	19.422	32.860	1.692					
Blumenau	581	1.292	2.224					
Ituporanga	12.650	21.600	1.708					
Tijucas	2.840	4.499	1.584					
Tabuleiro	1.009	1.825	1.809					
Tubarão	8.395	16.273	1.938					
Criciúma	5.804	11.224	1.934					
Araranguá	7.610	11.644	1.530					
Fonte: LSPA - Levantamen	to Sistemático da Produ	ução Agrícola, jun./2	2016 - IBGE.					



No primeiro mês de 2016, as empresas fumageiras abriram o período de compra da safra de tabaco no Sul do Brasil com preços até 12% acima da tabela praticada no ano passado. A evolução do preço médio recebido pelo produtor para o fumo estufa (to2) e fumo galpão (c2l), de janeiro de 2014 a maio de 2016, é apresentada na Figura abaixo.

Segundo avaliação da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) a comercialização da safra 2015/16 está concluída, sendo

que o preço médio pago ao produtor aumentou 37% no Virgínia e 48% no Burley em relação à safra passada. A redução no volume de produção brasileiro, queda na safra, explica parte do aumento observado nos preços.

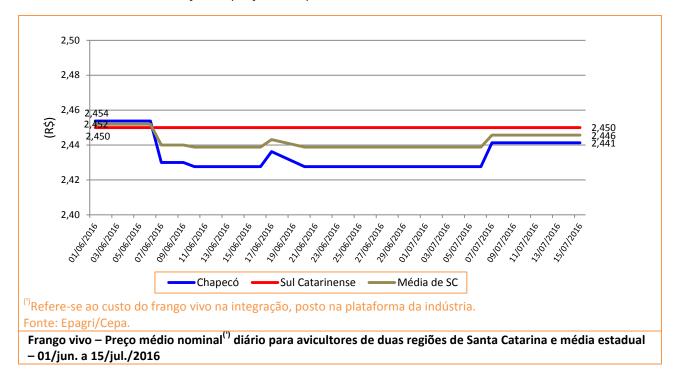


Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Conforme já apontavam os dados preliminares publicados no Boletim Agropecuário nº 37, no decorrer de junho o preço do frango vivo apresentou queda na praça de Chapecó, finalizando o mês com uma variação de -1,07%. Contudo, no início de julho observou-se elevação do preço, recuperando parte da queda anterior, o que resultou numa variação de -0,51% em todo o período (01/junho a 15/julho). No Sul Catarinense não houve variação de preço nesse período.

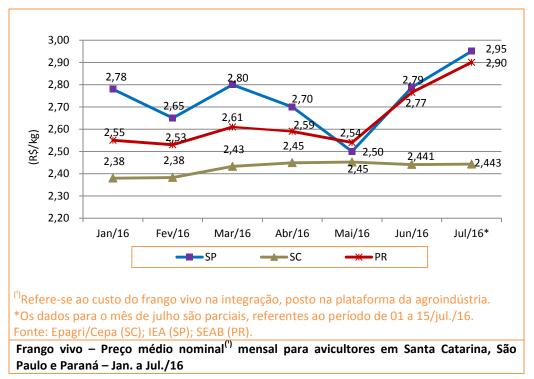


Na comparação entre Santa Catarina e outros dois importantes estados produtores (São Paulo e Paraná), mais uma vez percebe-se situações bastante distintas. Conforme expresso no gráfico anterior, em junho e na primeira quinzena de julho os preços pagos pelo frango vivo em Santa Catarina continuaram relativamente estáveis, tendência que tem se mantido nos últimos meses.

Prova dessa estabilidade é que, ao se comparar a média de junho com a média preliminar de julho, Santa Catarina registra uma variação de apenas 0,08%, conforme detalhado no gráfico apresentado na sequência.

São Paulo, por sua vez, assim como já havia acontecido em junho, registra novamente elevação significativa no valor preliminar de julho em relação à média do mês anterior. Em junho a variação final foi de 11,55% e agora é de 5,79%, até o momento. Ressalta-se que o atual patamar de preços (R\$ 2,95/quilo) foi atingido em meados de junho, não tendo variado desde então. Na comparação entre os meses de janeiro e a média preliminar de julho, o preço atual já é 6,12% maior que aquele pago no início do ano. Em relação a julho de 2015, a diferença é de 11,32%.

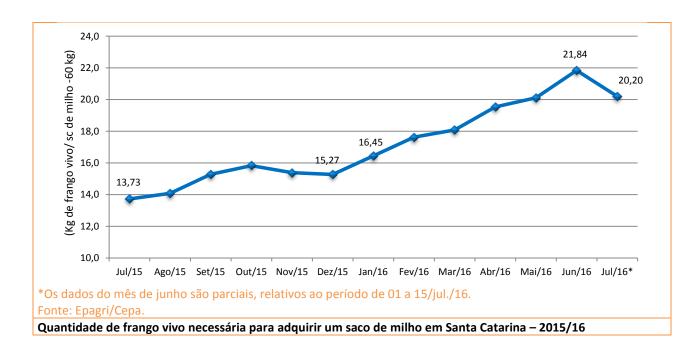




O preço do frango vivo no Paraná também registrou nova elevação em relação ao mês anterior. Em junho havia sido observado um aumento de 8,87%. Agora, levando em consideração 0 preço médio preliminar de julho, a variação atinge 4,89%. Na comparação com o preço médio de janeiro, o valor preliminar de julho

é 13,74% superior. Ao se utilizar como referência julho do ano passado, a variação é ainda mais significativa, com crescimento de 26,10%.

No que diz respeito à relação de troca insumo/produto, depois de seis meses seguidos de elevação, pela primeira vez no ano observa-se uma queda no indicador.



Tendo como base os preços médios do frango vivo (média estadual) e do milho no atacado (praça de referência de Chapecó) observados na primeira quinzena de julho, a relação de troca apresentou o índice



de 20,2 kg de frango vivo/saco de milho (60kg), o que representa uma redução de 7,49% em relação a junho. Ressalta-se que os preços de ambos os produtos são preliminares, podendo ocorrer alterações no decorrer da segunda quinzena. Com a redução observada até o momento, a variação acumulada no ano de 2016 atinge o patamar de 29,55%. Na comparação com julho de 2015, o índice atual é 47,18% superior (em junho/2016 essa diferença chegou a ser de 73,54% em relação ao mesmo mês do ano anterior).

Mais uma vez, o principal fator responsável pela variação da relação insumo/produto foi o milho. No entanto, diferentemente dos meses anteriores, quando se observou sucessivos aumentos no preço do grão (até que se atingisse o ápice nas primeiras semanas do mês passado), a partir da segunda quinzena de junho os preços do milho finalmente registraram queda. Até o momento, na praça de Chapecó registra-se redução de 7,42% na comparação entre a média preliminar de julho e o mês de junho.

Essa baixa deve-se principalmente à colheita da 2ª safra na região Centro-Oeste e à redução no ritmo das exportações do grão, o que aumentou um pouco a disponibilidade do produto no mercado e minimizou o efeito especulativo. Contudo, há que se fazer algumas considerações. Inicialmente, chama-se a atenção para o fato de que, não obstante a recente queda, os preços atuais ainda estão 74,3% superiores aos praticados em julho/2015 (tendo como referência a praça de Chapecó).

Além disso, o mais recente relatório de acompanhamento divulgado pela Conab no início deste mês aponta que a produção nacional de milho na safra 2015/2016 (somando-se 1ª e 2ª safra) deve ser de 69,1 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 18,3% em relação à safra passada. No relatório anterior, publicado em junho, previa-se uma quebra de 9,93%. Entretanto, com o avanço da colheita da safrinha, percebeu-se que a queda na produtividade era superior ao estimado inicialmente. Segundo a Conab, o resultado se deve essencialmente às estiagens prolongadas e altas temperaturas que prejudicaram o ciclo vegetativo da 1ª e 2ª safras do milho. A 1ª safra, com uma produção de 26,2 milhões de toneladas, sofreu uma queda de 3,9 milhões em relação à 1ª safra anterior. Já a 2ª safra, de acordo com a nova previsão, deve atingir 43,1 milhões de toneladas, com queda de produtividade de 27% em relação à safrinha anterior. No caso da soja, também afetada pelas condições climáticas, manteve-se a previsão de 95,6 milhões de toneladas (-0,7% em relação à safra anterior).

No que tange ao cenário internacional, uma questão que demanda atenção é a recente divulgação de mapas climáticos pelo serviço de meteorologia dos Estados Unidos, que aponta uma possível ocorrência nas próximas semanas de temperaturas acima da média e baixa ocorrência de chuvas em algumas das principais regiões produtoras de milho daquele país, o que pode impactar a produtividade. Vale lembrar que os EUA são o maior produtor mundial de milho, influenciando diretamente nos preços internacionais.

Os fatores apontados acima demonstram que dificilmente os preços do milho retornarão tão cedo aos patamares de anos anteriores, o que afeta as cadeias produtivas que dependem do grão, em especial a produção de aves e suínos. Sinal disso é que nos dias 14 e 15 de julho (últimas datas de coleta de dados para o presente boletim), o milho já registrava novamente um leve movimento de alta na praça de Chapecó, após algumas semanas com tendência de queda.

As dificuldades econômicas vivenciadas pelo país tornam o cenário ainda mais complexo, uma vez que tendem a reduzir a demanda por proteínas de origem animal e dificultam o repasse ao consumidor da elevação de custos de produção. A conjuntura desfavorável tem levado à diminuição no ritmo de abate de alguns frigoríficos e até suspensão de atividades. É o que aconteceu, por exemplo, com o frigorífico Globoaves, baseado em Cascavel/PR, que anunciou a suspensão temporária de 1,8 mil contratos de trabalho por até 90 dias. Segundo a empresa, a suspensão foi motivada pela dificuldade de aquisição de milho para nutrição das aves.

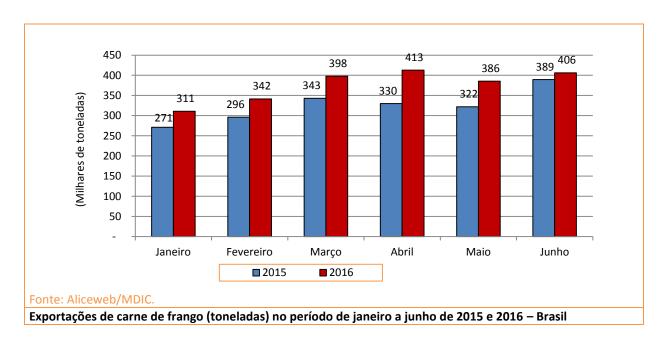
Apesar dessas dificuldades, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) avalia que em 2016 o consumo de carne de aves e suínos deverá ficar estável.

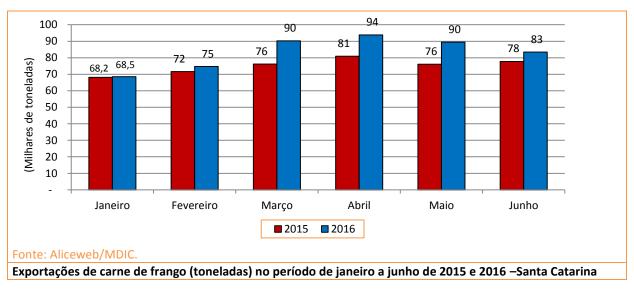
Seguindo o ritmo dos últimos meses, as exportações continuaram elevadas em junho, o que tem ajudado a escoar parte da oferta. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, no mês de



junho foram exportados 406,3 mil toneladas de carne de frango, o que representa um aumento de 4,36% em relação ao mesmo mês de 2015. Santa Catarina respondeu por 83,4 mil toneladas (20,5% do total exportado), um aumento de 7,27% em relação a junho de 2015.

No primeiro semestre, o volume exportado pelo Brasil foi de 2,25 milhões de toneladas, gerando recursos da ordem de US\$ 3,34 bilhões. Em relação ao mesmo período de 2015, esses números representam um incremento de 15,53% no volume exportado e um decréscimo de 1,04% nas receitas. Tal situação é decorrente principalmente da desvalorização do dólar frente ao real, observada nos últimos meses.





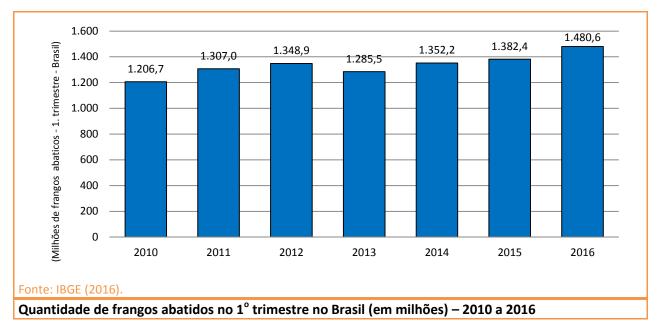
No caso de Santa Catarina, foram exportadas 500,3 mil toneladas, gerando US\$ 813,6 milhões (variações de 10,98% e -5,95% em relação ao primeiro semestre de 2015, respectivamente).

Aliás, a continuidade do processo de desvalorização da moeda americana, fazendo com que a mesma atinja patamares abaixo de R\$ 3,30/dólar, tem preocupado muitas empresas que apostam nas exportações para evitar reduções maiores de suas receitas (afetadas pela retração no consumo e alta nos custos).

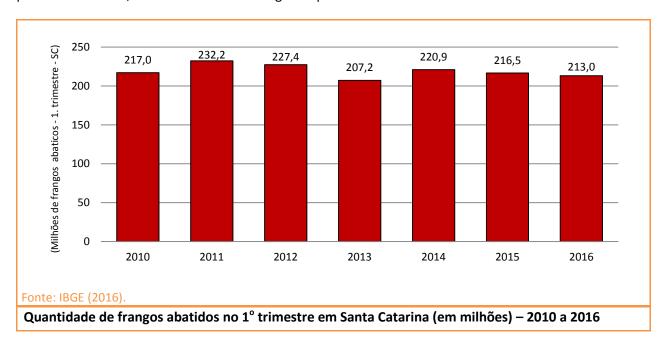


Segundo a ABPA, as dificuldades relatadas anteriormente têm levado à redução nos níveis de alojamento de pintinhos por parte de suas agroindústrias associadas, o que motivou a entidade a reduzir em 4% a estimativa de produção de carne de frango para o ano. Segundo a nova estimativa, a produção de 2016 deve ficar em torno de 13,1 milhões de toneladas, praticamente a mesma quantidade produzida em 2015.

Contudo, os dados de abate referentes ao primeiro trimestre de 2016, divulgados em junho pelo IBGE, demonstram que o número de frangos abatidos no país nesse período foi 7,1% superior ao abatido no primeiro trimestre de 2015. Levando-se em consideração o período 2010 a 2016, o primeiro trimestre deste ano apresenta os melhores números desde 2013.



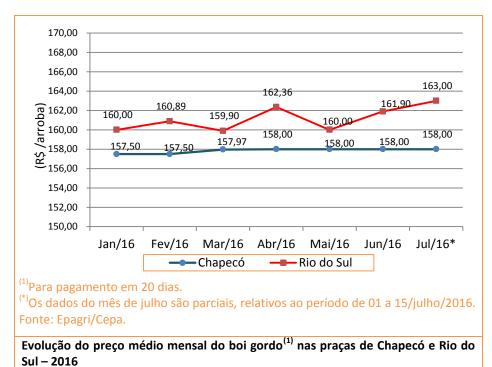
Santa Catarina, por sua vez, apresentou um decréscimo de 1,59% no número de animais abatidos no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se os abates realizados no primeiro trimestre, o montante atual é o segundo pior resultado desde 2010.





Bovinocultura de corte

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br



Dando continuidade padrão registrado desde o início deste ano, mercado do boi gordo continua apresentando relativa estabilidade em Santa Catarina. exemplo disso é a região de Chapecó, onde o preço médio da arroba não oscila desde abril e, em relação a janeiro, apresenta variação de somente 0,32% (preço médio preliminar, referente ao período de 01 a 15 de julho). Rio do Sul, por sua vez, mantem a tendência de já verificada junho, em registrando uma elevação

de 0,68% na primeira quinzena de julho em relação à média do mês anterior. Na comparação com janeiro, o valor médio da arroba em Rio do Sul é 1,88% maior em julho (preço médio preliminar).

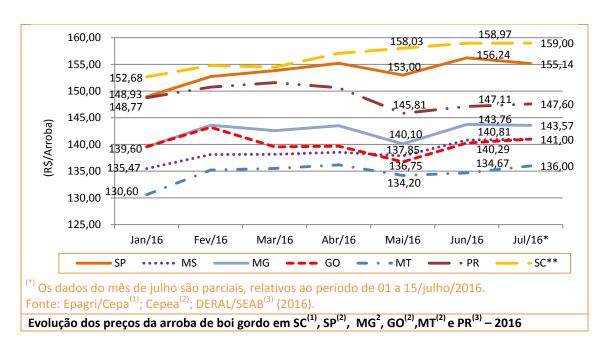
Quando se faz a comparação dos preços médios preliminares de julho 2016 com aqueles pagos no mesmo mês do ano anterior, verificam-se variações de 5,33% e 3,99% para Chapecó e Rio do Sul, respectivamente.

No cenário nacional, a primeira quinzena de julho também apresenta uma situação de relativa estabilidade em relação ao mês anterior. Dos sete estados analisados, em cinco registrou-se variações positivas e em dois negativas. Contudo, as oscilações não foram muito significativas, com média de 0,12% até o momento.

O estado que registrou a maior variação foi Mato Grosso, com aumento de 0,72% no preço da arroba do boi gordo. Vale destacar que ao final da primeira quinzena de junho, Mato Grosso registrava leve queda em relação ao mês anterior (-0,15%), situação que foi alterada na segunda quinzena, quando os preços se recuperaram e os valores médios naquele estado finalizaram o mês com uma alta de 0,35%. Dentre os estados que até o momento registram elevação dos preços, na sequência encontra-se o Paraná, com aumento de 0,53%, seguido de Goiás (0,51%), Mato Grosso do Sul (0,14%) e, por último, Santa Catarina (0,02%). Os estados que registraram variações negativas são Minas Gerais (-0,47%) e São Paulo (-0,50%).

Na comparação entre os preços médios preliminares de julho e aqueles praticados em janeiro do corrente ano, Santa Catarina continua apresentando a segunda maior variação positiva (4,14%), atrás apenas por São Paulo (4,38%). Mato Grosso do Sul e Mato Grosso registram variações muito próximas disso, com 4,08% e 3,86%, respectivamente. Outros dois estados registram variações intermediárias: Minas Gerais (2,55%) e Goiás (1,00%). O Paraná é o único dentre os sete estados analisados que apresenta variação negativa no período em questão (-0,59%).

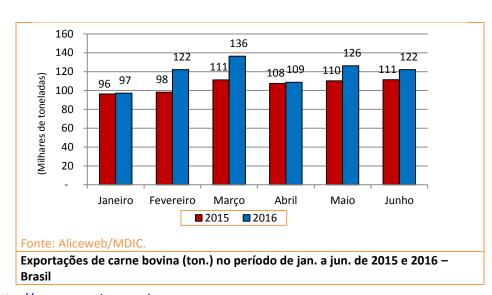




Na maioria dos estados analisados, a oferta de bois prontos para o abate não é significativa, embora a piora na qualidade e na capacidade de suporte das pastagens tenda a estimular muitos pecuaristas a venderem parte de seus animais. Por outro lado, o consumo doméstico segue enfraquecido, o que tem feito com que muitos frigoríficos diminuam seus volumes de abate. Tal cenário é responsável pela relativa estabilidade observada nos dados anteriores.

A demanda doméstica por proteínas de origem animal segue baixa, em decorrência do cenário econômico. Contudo, conforme já apontado em outras oportunidades, os efeitos sobre os diversos cortes bovinos são distintos, em razão da maior procura dos dianteiros. Em Santa Catarina, o preço dos cortes dianteiros no mercado atacadista da região de Chapecó, por exemplo, registrou alta de 2,09% em junho em relação ao mês anterior e 0,61% na primeira quinzena de julho, conforme dados da Epagri/Cepa. No mesmo período, os cortes traseiros registraram elevação de 1,04% em junho e 0,07% na primeira quinzena de julho.

Ainda em relação ao consumo, destaca-se o relatório do Rabobank, publicado em fins de junho, no qual se avalia que o consumo doméstico de carne bovina continuará retraído no restante deste ano, como resultado da crise econômica, sem expectativa de melhoras pelo menos até 2017.

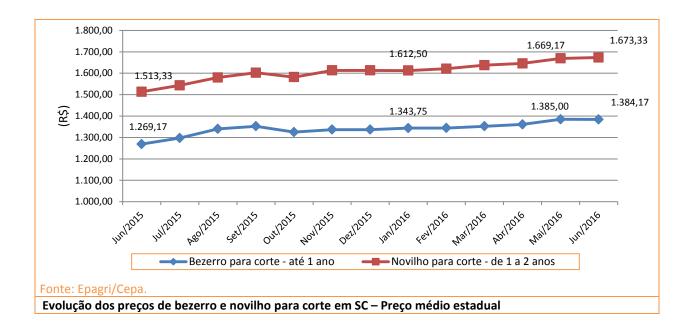


Já as exportações de carne bovina (processada e in natura) apresentaram queda de 3,29% no mês de junho em relação a maio. Contudo, na comparação com junho de 2015, o mês passado registrou aumento de 9,52% no volume de carne exportada, de acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.



Segundo os dados do MDIC, o volume exportado no primeiro semestre de 2016 foi 12,2% superior ao mesmo período de 2015, atingindo 712,7 mil toneladas. Em termos de recursos, o montante exportado até o momento representa US\$ 2,73 bilhões, um acréscimo de 0,89% em relação ao mesmo período do ano passado. A discrepância entre o aumento no volume exportado e o ingresso de recursos deve-se essencialmente à desvalorização do dólar frente ao real, movimento observado ao longo deste ano.

A partir desta edição, o Boletim Agropecuário da Epagri/Cepa analisará também o comportamento dos preços de bezerros (até 1 ano) e novilhos (de 1 a 2 anos) destinados à pecuária de corte. O gráfico a seguir apresenta os dados referentes ao preço médio estadual dessas duas categorias de animais no período de junho/2015 a junho/2016.

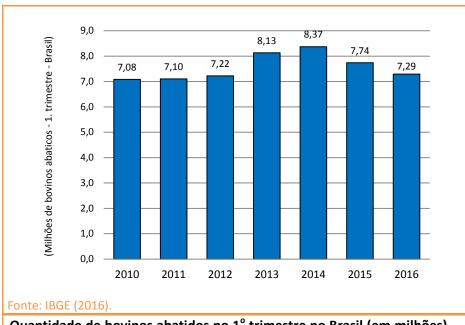


No período analisado percebe-se a predominância da tendência de aumento nos preços das duas categorias, com poucas interrupções ou movimentos marcadamente distintos (com relação a este último caso, destaca-se o mês de outubro/2015, que registrou queda nos preços de ambas as categorias). Na comparação entre junho/2015 e junho/2016, verifica-se uma variação positiva de 9,06% no preço do bezerro e de 10,57% do novilho. Cabe ressaltar que no mesmo período, o preço médio estadual da arroba de boi gordo sofreu variação de 6,98%. Em relação aos preços médios praticados em maio/2016, os valores de junho variaram -0,06% e 0,25% para o caso do bezerro e do novilho, respectivamente.

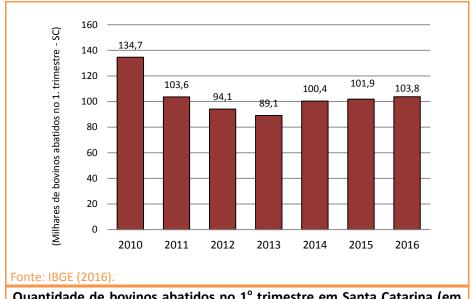
Por fim, destaca-se que em junho o IBGE divulgou os dados de abate referentes ao primeiro trimestre de 2016 das principais espécies animais criados no Brasil. No caso dos bovinos, registrou-se uma queda de 5,77% no total de animais abatidos no país, em relação ao mesmo período de 2015. Levando-se em consideração o período 2010 a 2016, o primeiro trimestre deste ano apresenta os piores números desde 2013.

Diferentemente do cenário nacional, Santa Catarina apresentou um aumento de 1,85% no número de animais abatidos no primeiro trimestre. Considerando-se os abates realizados nesse período, o montante atual é o segundo maior desde 2010.





Quantidade de bovinos abatidos no 1 $^{\circ}$ trimestre no Brasil (em milhões) – 2010 a 2016

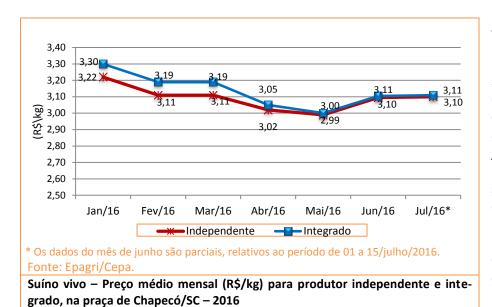


Quantidade de bovinos abatidos no 1° trimestre em Santa Catarina (em milhares) – 2010 a 2016



Suinocultura

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br



Após oscilações positivas e negativas nos últimos meses, em julho o preço do suíno vivo em Santa Catarina demonstrou estabilidade na comparação com o mês anterior. Em relação junho, os preços preliminares de julho sofreram uma leve elevação de 0,16% para ambos os perfis de produtores (independente e integrado). Contudo, quando se faz a comparação com julho de 2015, os preços médios atuais apresentam

defasagem de 2,82% para o produtor independente. No caso do integrado, o valor atual é exatamente o mesmo daquele recebido em julho do ano passado.

O quadro abaixo compara os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores, no período de janeiro a julho deste ano. Como é possível verificar, com exceção de Santa Catarina, em todos os demais se retomou a tendência de queda nos preços que vinha sendo observada no primeiro quadrimestre do ano.

Suíno vivo – Evolu	ução do p	reço pago	nos princ	ipais esta	dos produ	itores – 2	016		
									(R\$/kg)
Estado	Jan./	Fev./	Mar./	Abr./	Mai./	Jun./	Jul./	Variação	Variação
LStauo	2016	2016	2016	2016	2016	2016	2016 ⁽¹⁾	jun./jul. (%)	jan./jul. (%)
Minas Gerais	4,17	3,55	3,47	3,36	3,37	4,39	4,10	-6,60%	-1,61%
Paraná	3,33	2,94	2,94	2,75	2,82	3,58	3,31	-7,58%	-0,55%
Rio G. do Sul	3,27	2,92	2,96	2,81	2,83	3,26	3,10	-4,76%	-5,09%
Santa Catarina ⁽²⁾	3,26	3,15	3,15	3,04	3,00	3,10	3,11	0,16%	-4,75%
São Paulo	3,86	3,18	3,37	3,10	3,25	4,03	3,53	-12,40%	-8,48%

⁽¹⁾ Os dados do mês de junho são parciais, relativos ao período de 01 a 15 de julho/2016.

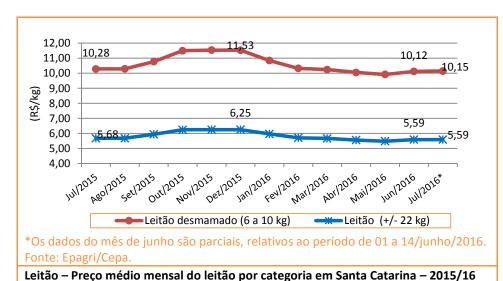
Na comparação entre junho e os valores preliminares de julho, a variação média nos cinco estados foi de -6,24%, até o momento. A verificação dos preços diários demonstra que na maioria dos estados, o movimento de queda teve início em meados de junho, acentuando-se na última semana daquele mês e primeira semana de julho. Ressalta-se que, não obstante tal situação, o preço médio de junho foi 19,98% superior a maio, na média dos cinco estados.

⁽²⁾ No caso de SC, utilizou-se como referência a praça de Chapecó. Os valores representam a média entre produtores integrados e independentes. Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP); Epagri/Cepa (SC).



A queda mais significativa é registrada São Paulo, seguido por Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Santa Catarina foi o único estado que registrou variação positiva, embora pequena. Se em junho os preços praticamente haviam retornado aos patamares de janeiro, com esse novo movimento de queda tem-se uma defasagem de 4,10%, em média. A situação mais crítica é a de São Paulo, com diferença de -8,48%. Santa Catarina encontra-se numa posição intermediária, com uma defasagem de 4,75%.

Da mesma forma que para os suínos terminados, no caso dos leitões o mercado catarinense se mostrou bastante estável no último mês. Em relação a junho, as médias da primeira quinzena de julho oscilaram 0,29% e -0,01% para os leitões de 6-10 kg e de +/-22 kg, respectivamente.

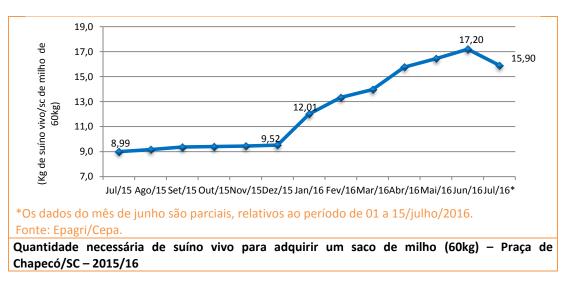


Na comparação com julho 2015, os valores preliminares deste mês seguem apresentando defasagens de 1,60% para os leitões de 6-10kg e 1,65% para os leitões de +/-22kg. Α variação acumulada em 2016 ainda é bastante negativa, com -12,41% e -10,86% para os leitões de 6-10kg e de -11,1% para os leitões de +/-22kg, respectivamente. Com a atual estabilização

nos preços do suíno vivo em Santa Catarina e o movimento de queda nos demais estados, é pouco provável que essa defasagem seja recuperada no curto prazo.

Não obstante a quase estabilidade nos preços do suíno em SC, a relação de troca insumo/produto registrou queda pela primeira vez no último ano. O principal fator responsável por esse resultado é o preço do milho, que após vários meses de sucessivos aumentos, finalmente registra queda de preço.

Tendo como referência a praça de Chapecó para ambos os produtos, a relação de troca caiu para 15,90kg de suíno vivo/saco de milho (ressalta-se que os preços de julho são preliminares e podem sofrer alterações ao longo da segunda quinzena). Apesar dessa queda, quando se compara o valor atual ao mesmo mês de 2015, a diferença ainda é de 76,83%. Na comparação com janeiro do corrente ano, o valor atual é 32,38% superior.





Conforme informado anteriormente, o fator que mais contribuiu para a queda no indicador é o preço do milho, que vem baixando desde meados de junho. Para que se tenha uma ideia, em Chapecó o milho sofreu uma redução de 7,42% na comparação entre a média preliminar de julho e o mês de junho.

Essa baixa deve-se principalmente à colheita da 2ª safra na região Centro-Oeste e à redução no ritmo das exportações do grão, o que aumentou um pouco a disponibilidade do produto no mercado e minimizou o efeito especulativo. No entanto, há algumas ressalvas a serem feiras em relação a esse cenário. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que, apesar da recente queda, os preços atuais ainda estão 74,3% O mais recente relatório de acompanhamento divulgado pela Conab no início deste mês aponta que a produção nacional de milho na safra 2015/2016 (somando-se 1ª e 2ª safra) deve ser de 69,1 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 18,3% em relação à safra passada. No relatório anterior, publicado em junho, previa-se uma quebra de 9,93%. Entretanto, com o avanço da colheita da safrinha, percebeu-se que a queda na produtividade era superior ao estimado inicialmente. Segundo a Conab, o resultado se deve essencialmente às estiagens prolongadas e altas temperaturas que prejudicaram o ciclo vegetativo da 1ª e 2ª safras do milho. A 1ª safra, com uma produção de 26,2 milhões de toneladas, sofreu uma queda de 3,9 milhões em relação à 1ª safra anterior. Já a 2ª safra, de acordo com a nova previsão, deve atingir 43,1 milhões de toneladas, com queda de produtividade de 27% em relação à safrinha anterior. No caso da soja, também afetada pelas condições climáticas, manteve-se a previsão de 95,6 milhões de toneladas (-0,7% em relação à safra anterior).

No cenário internacional, demanda atenção a recente divulgação de mapas climáticos pelo serviço de meteorologia dos Estados Unidos, que aponta uma possível ocorrência nas próximas semanas de temperaturas acima da média e baixa ocorrência de chuvas em algumas das principais regiões produtoras de milho daquele país, o que pode impactar a produtividade e, consequentemente, nos preços do grão.

Como resultado desses fatores, nos últimos dias o milho voltou a registrar elevações na maioria dos estados. Em Chapecó, por exemplo, registrou-se leve movimento de alta nos dias 14 e 15 de julho (últimas datas de coleta de dados para o presente boletim), após algumas semanas com tendência de queda.

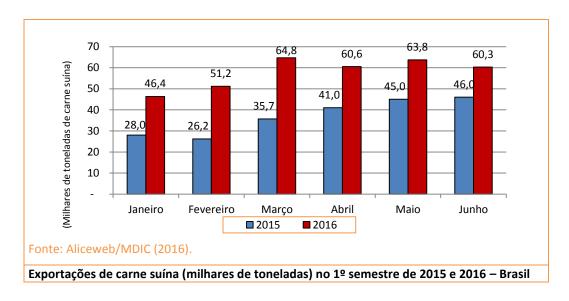
As dificuldades econômicas vivenciadas pelo país tornam o cenário ainda mais complexo, uma vez que tendem a reduzir a demanda por carnes e dificultam o repasse ao consumidor da elevação dos custos de produção. Pelo contrário, tem sido verificadas quedas de preço da carne suína em quase todas as regiões do país, segundo o Cepea. Conforme divulgado pelo órgão, de junho a meados de julho registrou-se uma queda de 7,9% no preço da carcaça suína no mercado atacadista de São Paulo. Em Santa Catarina, de acordo com dados da Epagri/Cepa, a região de Chapecó apresenta até o momento uma pequena alta de 1,44% no preço da carcaça, na comparação entre junho e a média preliminar de julho. Contudo, nas demais regiões do estado os preços têm apresentando tendência de queda durante a primeira quinzena de julho.

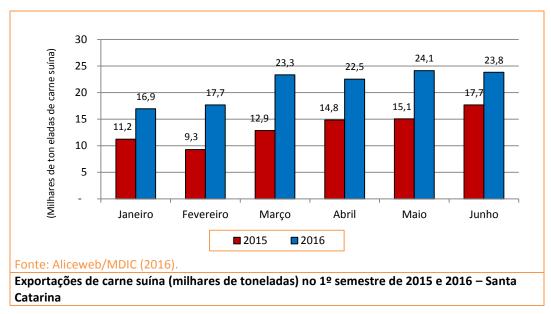
Apesar dessas dificuldades, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) avalia que em 2016 o consumo de carne de aves e suínos deverá ficar estável. Em relatório divulgado recentemente, os analistas do Rabobank acreditam que a indústria deverá recuperar as margens no 2º semestre deste ano. Contudo, tal cenário depende de alguns fatores, como o preço do milho, da carne ao consumidor e do câmbio.

As exportações, por sua vez, seguem registrando números fortemente positivos, o que ajuda a minimizar o impacto negativo dos custos elevados e da demanda retraída no mercado interno. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, as exportações de carne suína (*in natura* e processada) atingiram 60,3 mil toneladas no mês de junho, 1,93% menores que no mês anterior, mas 30,96% superiores a junho de 2015. Santa Catarina respondeu por 23,8 mil toneladas (39,5% do total), um aumento de 34,8% em relação ao mesmo período de 2015.

No primeiro semestre, o volume exportado pelo Brasil foi de 346,99 mil toneladas, gerando recursos da ordem de US\$ 627,4 milhões. Em relação ao mesmo período de 2015, esses números representam um incremento de 56,31% no volume exportado e de 15,25% nas receitas. A disparidade entre volume e receitas é decorrente da desvalorização do dólar frente ao real, observada nos últimos meses.







Durante o primeiro semestre Santa Catarina exportou 128,4 mil toneladas, gerando US\$ 231,3 milhões (variações de 58,67% e 18,24% em relação ao primeiro semestre de 2015, respectivamente).

No início de julho uma comitiva catarinense, formada por representantes do governo estadual e do setor produtivo, esteve na Coréia do Sul para negociar a abertura do mercado daquele país para a carne suína do estado. Conforme relatos preliminares, os resultados são exitosos e há a confirmação da perspectiva do órgão de controle sanitário daquele país de liberar a compra de carne de Santa Catarina. Contudo, para que isso se confirme, restam algumas etapas, dentre as quais a visita de técnicos do órgão sanitário coreano às indústrias catarinenses. Tal visita está prevista para ocorrer no início de 2017, mas o governo catarinense informou que buscará sensibilizar os coreanos a anteciparem a mesma. Estima-se que o volume de vendas para a Coréia do Sul possa chegar a 30 mil toneladas anuais.

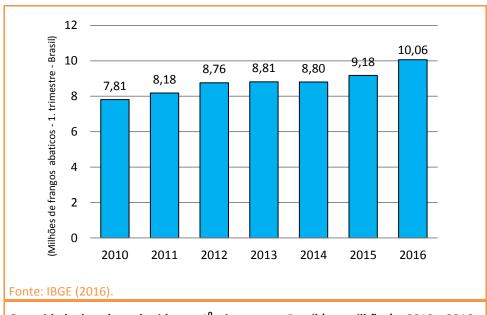
Ainda em relação às exportações, é interessante destacar o crescimento acentuado das vendas para a China neste ano. Em 2015, a China comprou 3,6 mil de toneladas de carne suína do Brasil, figurando em 9º lugar em volume e em 11º em valores. Contudo, somente no 1º semestre de 2016 já foram exportadas 41,4 mil toneladas para a China, fazendo com que o país figure entre os principais parceiros comerciais do Brasil



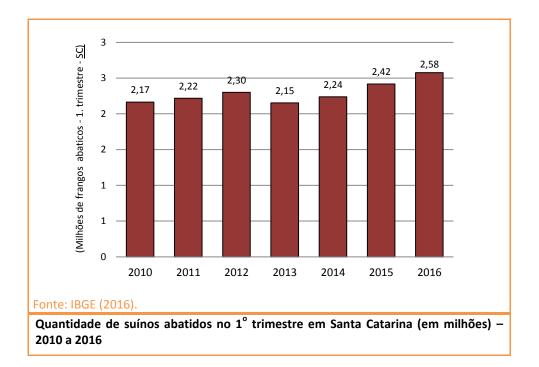
para este produto.

Por fim, os dados de abate referentes ao primeiro trimestre de 2016, divulgados em junho pelo IBGE, demonstram que o número de suínos abatidos no país nesse período foi 6,57% superior ao abatido no primeiro trimestre de 2015. Levando-se em consideração os abates de 2010 a 2016, este ano apresenta os melhores números para esse período.

Santa Catarina registrou um aumento ainda maior nos abates realizados durante o primeiro trimestre deste ano, com um acréscimo de 9,63% em relação ao mesmo período do ano anterior. O montante atual é o melhor resultado desde 2010 para o período. Contudo, há expectativa de que os números dos demais trimestres sejam mais modestos.



Quantidade de suínos abatidos no 1º trimestre no Brasil (em milhões) – 2010 a 2016.





Leite

Tabajara Marcondes Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa tabajara@epagri.sc.gov.br

Conforme sua programação, no mês de junho o IBGE divulgou os dados da Pesquisa Trimestral do Leite relativo à quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas no primeiro trimestre de 2016. Comparativamente ao primeiro trimestre de 2015, houve uma redução de 4,5% em âmbito de País e variações diferenciadas nos dez estados que representam pouco mais de 92% da quantidade de leite adquirida nacionalmente.

Leite Cru - Qua	intidade adq	uirida pelas	indústrias i	nspecionadas	no 1º trimest	re – 2014/1 6		
UF	(Mil	lhões de litr	os)		Var. (%)	Var. (%)		
UF	2014	2015	2016	2015/14	2016/15	2016/14		
MG	1.706,1	1.684,0	1.586,1	-1,3	-5,8	-7,0		
RS	849,9	848,3	809,1	-0,2	-4,6	-4,8		
PR	725,9	748,2	674,1	3,1	-9,9	-7,1		
SP	634,8	616,2	618,3	-2,9	0,3	-2,6		
GO	689,3	646,7	606,2	-6,2	-6,3	-12,1		
SC	518,5	568,7	577,9	9,7	1,6	11,5		
RO	192,5	185,1	183,4	-3,8	-0,9	-4,7		
MT	163,3	150,0	148,8	-8,2	-0,8	-8,9		
RJ	132,6	133,4	142,0	0,5	6,5	7,1		
ES	87,6	78,8	82,8	-10,0	5,1	-5,4		
Subtotal	5.700,6	5.659,3	5.428,8	-0,7	-4,1	-4,8		
Brasil	6.189,0	6.135,4	5.860,7	-0,9	-4,5	-5,3		

Os dados referentes a 2015 e 2016 são preliminares. Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Essas variações distintas não refletem necessariamente o que de fato se passou com produção de cada estado. Isso porque existe um importante mercado interestadual de leite cru que a Pesquisa Trimestral do Leite computa para a indústria/estado de destino e não de origem do leite. No caso de Santa Catarina, por exemplo, é mais provável que a expansão apresentada na tabela acima seja decorrente mais de redução na comercialização de leite cru para outros estados e/ou da entrada de leite dos estados vizinhos do que de aumento da produção estadual. Para ilustrar isso tomamos como exemplo os dados levantados pela Epagri/Cepa (publicados também no Boletim Agropecuário anterior), que indicam que tanto de 2014 para 2015 quanto de 2015 para 2016 houve decréscimo na produção recebida pelas indústrias de regiões que representam mais de 50% da produção estadual.



Mâs/ana		Milhões d	le litros	Variação (%)			
Mês/ano	2013	2014	2015	2016	2014/13	2015/14	2016/15
Janeiro	117,8	126,1	121,7	113,2	7,0	-3,4	-7,C
Fevereiro	97,8	105,8	97,5	100,0	8,2	-7,8	2,5
Março	102,7	108,7	101,7	103,4	5,9	-6,4	1,7
Abril	94,6	96,7	92,3	93,0	2,2	-4,6	0,7
Maio	98,4	102,3	101,2	96,4	4,0	-1,1	-4,7
Jan./maio	511,3	539,6	514,5	506,1	5,5	-4,7	-1,6
Junho	102,4	106,1	109,4	-	3,6	3,1	
Julho	113,7	120,7	117,8	-	6,1	-2,4	
Agosto	124,0	137,4	129,0	-	10,8	-6,1	
Setembro	124,9	136,8	129,2	-	9,5	-5,6	
Outubro	129,5	133,3	126,0	-	2,9	-5,5	
Novembro	122,8	127,3	118,5	-	3,7	-7,0	
Dezembro	129,5	129,8	120,1	-	0,2	-7,4	
Total	1.358,1	1.431,0	1.364,4	_	5,4	-4,7	

Fonte: Epagri/Cepa.

Índice de Cap	Índice de Captação de Leite Brasil - 2014- 16								
Mês	2013	2014	2015	2016					
Janeiro	150,35	169,99	188,34	185,67					
Fevereiro	145,41	165,31	189,51	177,17					
Março	138,70	158,95	176,97	164,15					
Abril	135,89	155,36	171,85	158,59					
Maio	134,24	155,29	172,59	156,01					
Junho	143,28	161,97	179,98						
Julho	149,08	168,12	182,98						
Agosto	152,11	177,21	191,43						
Setembro	156,09	182,88	197,68						
Outubro	162,24	182,14	195,97						
Novembro	167,94	193,85	196,78						
Dezembro	170,50	195,14	194,29						

Base 100 = junho/2004.

Fonte: Cepea.

maio de 2016 foi 6,4% menor que o de igual período de 2015.

Ao contrário do já ocorreu em outras oportunidades, os resultados Pesquisa Trimestral do Leite, do IBGE, guardam coerência com os do Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/ Cepea¹), que mostrou decréscimo de pouco mais de 5% no volume de leite captado pelas indústrias pesquisadas nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Santa Catarina, quando comparados os primeiros trimestres de 2016 e 2015. Os dados mais atuais do CEPEA mostram que também em abril e maio intensificou-se a redução de captação de leite nesses sete estados. Com isso, o volume de leite captado de janeiro a

Assim, as duas principais fontes de informação não deixam dúvida de que os meses recentes foram de sensível redução na oferta de leite no Brasil, o que acabou por se refletir tanto na balança comercial brasileira de lácteos como na continuidade da elevação dos preços internos dos derivados lácteos e aos produtores.

¹ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. É elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE, segundo o volume produzido em cada unidade da federação.



Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

Balança comercial brasileira de lácteos – Primeiro Semestre 2011-16									
10.6	Importação		Export	ação	Saldo				
1º Semestre	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$			
2011	73.419	271.256	17.265	44.861	-56.154	-226.395			
2012	88.484	314.221	17.940	44.857	-70.544	-269.364			
2013	68.546	238.039	20.218	48.125	-48.329	-189.914			
2014	47.047	202.179	41.871	161.132	-5.175	-41.047			
2015	65.228	214.082	25.926	98.900	-39.302	-115.183			
2016	104.914	260.527	19.963	56.476	-84.951	-204.051			

No que diz respeito à Balança Comercial observa-se um sensível crescimento no seu déficit, em função tanto do aumento das importações quanto da queda das exportações.

Importações bra	Importações brasileira de lácteos no primeiro semestre - 2015 e 2016								
	2015		20:	16	Variação 2015-16 (%)				
País	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$			
Uruguai	30.774	98.536	52.622	132.740	71,0	34,7			
Argentina	29.491	88.089	40.484	88.600	37,3	0,6			
Chile	625	1.863	4.632	10.825	641,1	480,9			
Nova Zelândia	506	2.523	2.072	7.550	309,2	199,2			
EUA	1.520	7.459	1.797	4.680	18,2	-37,3			
Paraguai	0	0	925	1.819	-	-			
França	1.015	5.092	863	4.269	-15,0	-16,2			
Canadá	290	1.754	718	3.921	147,5	123,5			
Holanda	499	4.344	374	2.764	-25,0	-36,4			
Itália	234	2.156	170	1.451	-27,3	-32,7			
Outros países	274	2.267	257	1.909	-6,1	-15,8			
Total	65.228	214.082	104.914	260.527	60,8	21,7			
Fonte: MDIC /Se	Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.								

No caso das importações, maior crescimento absoluto do primeiro semestre de 2016 se dá nas compras originarias do Uruguai е da Argentina, maiores responsáveis pelas importações brasileiras, mas em termos relativos destacam-se o Chile, a Nova Zelândia e Canadá.

Mesmo com esse crescimento das

importações houve continuidade da elevação dos preços internos, tanto dos lácteos como os da matériaprima.

No caso dos lácteos a elevação foi generalizada, mas com diferenças sensíveis entre os produtos, com especial destaque para o leite UHT, principal produto na formação dos preços aos produtores em âmbito de Brasil e de Santa Catarina. O mercado favorável para o leite UHT inclusive estimulou as indústrias a destinarem volumes bem maiores de leite cru do que é tradicional para a sua produção, o que contribuiu decisivamente para uma a elevação mais sensível nos preços aos produtores entre os meses de maio e julho.



Mês/ano	Leite (li	tro)	Manteiga extra	Queijo (Kg)	
ivies/ and	UHT (longa-vida)	Pasteurizado	(200 g)	Muçarela	Prato
Janeiro/15	1,59	1,45	3,15	12,28	12,28
Fevereiro/15	1,66	1,48	3,17	11,92	11,97
Março/15	2,13	1,56	3,17	12,84	12,89
Abril/15	2,13	1,61	3,17	13,08	13,13
Maio/15	2,17	1,61	3,17	13,36	13,45
Junho/15	2,23	1,62	3,13	13,94	14,17
Julho/15	2,22	1,63	2,97	13,89	14,56
Agosto/15	2,14	1,63	2,94	14,51	14,63
Setembro/15	2,01	1,63	2,99	14,43	14,66
Outubro/15	1,95	1,63	3,32	13,40	14,81
Novembro/15	2,01	1,63	3,39	13,35	14,71
Dezembro/15	1,96	1,63	3,40	13,34	14,80
Janeiro/16	2,00	1,64	3,68	15,92	16,38
Fevereiro/16	2,13	1,73	3,80	15,53	15,60
Março/16	2,27	1,74	3,93	16,97	17,35
Abril/16	2,39	1,85	4,46	18,53	18,80
Maio/16	2,61	1,96	4,87	19,00	19,32
Junho/16	3,27	2,39	5,10	20,87	21,20
Dia 14/07/2016	3,65	2,72	5,16	23,04	23,40

No caso dos produtores, a disputa por leite pelas indústrias continua repercutindo em significativos aumentos nos preços recebidos. Depois do aumento de R\$ 0,08 de maio para junho, o preço médio mais comum estadual aumentou R\$ 0,10 de junho para julho.

Mâc	R	R\$/litro posto na propriedade					
Mês	2013	2014	2015	2016	2015/14	2016/15	
Janeiro	0,75	0,85	0,75	0,91	-11,8	21,3	
Fevereiro	0,75	0,83	0,73	0,95	-12,0	30,1	
Março	0,75	0,85	0,76	1,02	-10,6	34,2	
Abril	0,78	0,91	0,80	1,07	-12,1	33,8	
Maio	0,81	0,94	0,87	1,11	-7,4	27,6	
Junho	0,83	0,93	0,89	1,19	-4,3	33,7	
Julho	0,88	0,93	0,91	1,29	-2,2	41,8	
Média janeiro/julho	0,79	0,89	0,82	1,08	-7,9	31,7	
Agosto	0,91	0,93	0,93		0,0		
Setembro	0,94	0,90	0,92		2,2		
Outubro	0,94	0,84	0,90		7,1		
Novembro	0,94	0,81	0,87		7,4		
Dezembro	0,88	0,77	0,89		15,6		
Média anual	0,85	0,87	0,85		-2,3		

É praticamente certo que haverá novo aumento nos preços aos produtores no mês de agosto. A reunião do Conseleite/SC, a ser realizada no dia 21/07, dará parâmetros mais abalizados do nível de aumento, mas, considerando os preços de atacado levantados pela Epagri/Cepa no transcorrer das duas primeiras semanas de julho, a perspectiva é de se repetir mais um aumento significativo.